

Viajantes catarinenses

— Roteiro para uma Bibliografia —

Iaponan Soares

Não deixa de ter sua validade o levantamento da bibliografia catarinense que versa sobre o assunto viagens. O seu exame mais detalhado pode oferecer revelações curiosas, além de mostrar um aspecto pouco explorado de nossa produção literária, nem sempre levada em conta pelos analistas do setor.

Com efeito, trata-se de bibliografia ampla que oferece aspectos que envolvem viagens dentro do Estado, no país e no exterior.

Neste levantamento trataremos agora somente das obras que narram as viagens internacionais.

Acreditamos que foi Theóphilo Nolasco de Almeida o iniciador desse gênero entre os catarinenses, com a publicação em 1893 do livro “O Almirante Barroso a Volta ao Mundo”, cuja segunda edição se deu em 1902, sob a alegação de que a edição anterior “esgotara-se em menos de um mês”. O livro descreve a viagem de circunavegação realizada pelo “Almirante Barroso” ao redor do mundo, partindo do Rio em outubro de 1888 e retornando à sua base em julho de 1890, sob o comando do então capitão-de-mar-e-guerra Custódio José de Mello. Participa igualmente da viagem o catarinense, Henrique Boiteux, que mais tarde contaria a história do naufrágio dessa Belonave, ocorrido em Raz Zeiti, a 21 de maio de 1893 (“O Naufrágio do Cruzador-Misto Almirante Barroso”, Rio de Janeiro, S/ed., 1929).

Nos anos seguintes o itajaiense Reis Netto, que era da Marinha Mercante e igualmente escritor, faz uma viagem ao Chile e a descreve em forma de cartas endereçadas a seu amigo José Fontaça de Meirelles Carmo, “que, na sua existência, maior da meia-idade, nunca saiu do Rio de Janeiro, onde nasceu, num sobrado da tradicional rua da Candelária”. A correspondência foi inicialmente publicada na imprensa do Rio e de outros Estados. Em seguida o material foi reunido na primeira parte do livro publicado sob o título de “Montanha e Mar” (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919).

Outro itajaiense, Alexandre Konder, teve sua bibliografia feita quase que somente de livros de viagens. Vejamos: “Do outro lado da Terra . . .” (Rio de Janeiro, Ed. Victor, 1939), onde o autor, jornalista de profissão, faz observações sobre o Panamá, Califórnia, Japão, Coréia, Sibéria, Mongólia, China,

Malásia, entre outros. No ano seguinte, animado pelo sucesso das andanças internacionais, publica "Um Brasileiro na Guerra Européia" (Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1940), como resultado da visita feita à Itália, Alemanha, Polônia, França, Espanha, Dinamarca, Tchecoslováquia, Hungria e países do Báltico. Pouco depois publicaria ainda "Nossos Vizinhos dos Andes" (Rio de Janeiro, Record, 1942), contendo também observações de viagem.

O historiador Oswaldo Rodrigues Cabral igualmente ofereceu contribuições para o enriquecimento desta bibliografia, com a publicação do livro de viagem "Terra da Liberdade — Impressões da América" (Curitiba, Editora Guaíra, 1944), com prefácio de Carlos da Costa Pereira.

Convidado pelo Departamento de Estado, Oswaldo Rodrigues Cabral teve oportunidade de cruzar os Estados Unidos em várias direções, conhecendo Flórida, Washington, Nova Iorque, Arizona, Novo México, Colorado e Louisiana, colhendo em suas observações um amplo painel do que viu e sentiu na terra de Tio Sam.

Novamente sobre os Estados Unidos da América outro itajaiense enfeixa em livro suas observações de viagem. É ele o jornalista e escritor Silveira Júnior, com o livro "Na Rota do Mayflower — Vulgaridades (e coisas sérias) sobre os EE.UU", obra que teve invulgar sucesso de público alcançando em dois anos nada menos de três edições. A última delas saiu com o título mudado para "Um Brasileiro nos Estados Unidos" (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1964). Nesta como na edição anterior traz prefácio do crítico Nereu Corrêa, que ressalta: "O livro é todo escrito em forma de diário, com impressões ministradas em doses homeopáticas, o que ainda torna mais agradável a sua leitura, pois muitas vezes, em duas ou três linhas, o autor nos diz aquilo em que outros gastariam uma página".

Para a Europa a bibliografia oferece mais títulos. Temos: "Um Brasileiro nos Caminhos da Europa — Crônicas e Impressões de Viagem" (Rio de Janeiro, "Eltin", 1952), do escritor itajaiense Arnaldo Brandão, que na obra dá conta de sua incursão por Las Palmas, Lisboa, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Paris, Suíça, Veneza, Roma, Nápoles e África. Na apresentação afirma que seu livro "nada mais é do que um retrospecto, um olhar ligeiro de um viajante apressado".

Entre 1953 e 1954, Colbert Demaria Boiteux percorre o mundo, visitando cerca de trinta países. O resultado do que viu e sentiu nesse percurso é o livro "A Torre de Babel — Crônicas de uma viagem" (Rio de Janeiro, Est. Gráfico Iguassu, 1955). Em linguagem agradável e dirigindo-se a um hipotético "compadre", Colbert Demaria Boiteux não se limita ao registro do que viu. Vai

mais além: analisa, inquire, faz deduções e transmite ao seu leitor observações colhidas com argúcia e fina sensibilidade.

“Por Esse Mundo de Deus” (Joinville, Imp. Ipiranga, 1969), é o título escolhido por Mário Tavares para o seu diário de viagem nos caminhos do Velho Mundo. Na sua apresentação diz Gustavo Neves que “o presente trabalho tem, pois, a valorizá-lo precisamente a sinceridade, a exatidão dos registros, que não se subordinam a preocupações de forma, senão ao anseio de anotar, sem as deformações do requinte estilístico, o que o autor não somente viu, mas sentiu e deseja comunicar elegantemente aos que o lêem”.

Novamente de Itajaí temos o livro da jornalista e escritora Lausimar Laus intitulado “Europa Sem Complexo” (Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1965), viagem que a autora fez com poucos dólares, muita coragem e disposição, sob o lema: “Um pouco de estudante e muito de jornalista. Tudo de mulher e algo de alma aventureira que ama a beleza da vida”.

Partindo na mesma direção Charles D’Olinger, ou melhor, Carlos Adauto Vieira faz uma “Europa Sem Programa” (Joinville, s/ed., 1973), através de crônicas escritas ao sabor da aventura, descobrindo paisagens, seres e coisas, sempre com muito humor, o que de resto é uma das suas características mais permanentes.

Já o blumenauense Altair Carlos Pimpão coloca em livro as observações feitas em 12 anos de convivência na terra de Goethe, com “A Alemanha que eu vivi” (Blumenau, Edição da Fundação Dr. Blumenau, 1982). E Ferdinando Posqui, de Timbó, narra nas “Anotações do “front” Italiano” (Florianópolis, Edições da FCC, 1984), as experiências vividas durante a segunda grande Guerra, na qualidade de integrante da Força Expedicionária Brasileira.

Para os países socialistas é de se registrar o livro de Jayme Sautchuk, natural de Herval D’Oeste e há muito radicado em Brasília, sob o título “O Socialismo na Albânia — Um repórter brasileiro no país de Enver Kha” (São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 2ª ed., 1983), sendo este o “primeiro relato feito por um jornalista brasileiro a respeito da experiência socialista deste pequeno país”. O livro foi muito bem recebido pelo público, pois esgotou sua primeira edição em apenas dois meses.

Para finalizar, queremos fazer o registro de duas obras sobre viagens, que embora tenham sido divulgadas pela imprensa e anunciadas para saírem em livros não chegaram a tal. São elas: “Fogo em Bogotá”, de Tito Carvalho e

“Nuestra Señora de l’Asunción”, de Othon D’Eça. Esta é uma narrativa de viagem ao Paraguai, ou melhor, um diário de viagem, que foi publicado em números sucessivos de “O Estado”, a partir de 13 de maio de 1956.

